

CARTA A LUIZ DE EÇA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Letter to Luiz Antônio and Marilena de Almeida Eça, from East Lansing, Michigan, 14.12.1960, where I make the analysis of Janio Quadro's election, and I identify the new historical facts that made obsolete ISEB's interpretation of Brazil— an interpretation that previously had been important to understand the populist pact and the Brazilian industrialization.

Terminei meu terceiro trimestre em East Lansing. Ficarei ainda em Michigan State University durante o inverno, complementando meu Master. Em seguida irei para Harvard. Em setembro, impreterivelmente, estarei de volta. Neste termo fiz alguns bons cursos, inclusive um com Lloyd Warner, um dos mais famosos sociólogos americanos. O frio aqui anda bravo. Ontem à noite fez por volta de 20 graus abaixo de zero. A neve, porém, ainda não começou a cair com firmeza nesta região. Estou prevendo um inverno bem desagradável, que aumenta a vontade de estar de novo no Brasil. O certo, porém, é que tenho estudado bastante, ampliado meu horizonte intelectual. Desde que a pessoa saiba procurar, poderá encontrar muita coisa boa nos Estados Unidos para aprender. É o que estou procurando fazer.

Depois de longa e tenebrosa espera, chegou sua magnífica carta. Viva, que o homem está vivo! Poderemos conversar novamente. Sua carta não tem data, mas creio que você a começou escrever no início de novembro e a pôs no correio no dia 15 desse mês. Nessa época você devia ainda estar sob o impacto da derrota do Lott, e suas predições a respeito do governo de Jânio são negras. Talvez agora essas predições já tenham mudado, pelo menos um pouco. É possível que você tenha razão em relação a tudo quanto disse. Mas tenho a impressão de que ainda é cedo para prever o que o nosso ilustre presidente fará. Pelo menos no setor da política internacional parece que ele está inclinado a realizar algumas modificações para melhor. O *Time* publicou que ele recusou convite do Eisenhower para visitar os EUA, e não quis encontrar-se com o Kennedy. Já revela uma certa independência.

Em sua carta você demonstrou uma irritação e um desencanto marcados pelo ISEB. Você tem razão em afirmar que o esquema político não funcionou. Mas não creio que se deva concluir daí que nada da contribuição daquele grupo é válida. Pelo contrário. Quando descobrimos alguma coisa nova temos a tendência a exaltá-la desmedidamente. Foi o que fizemos com Cantídio e cia. Depois redescobrimos que nada é perfeito neste mundo (lembra do “Some Like It Hot”, do Billy Wilder?...). Agindo assim vivemos pendurados em um balanço – ou estamos muito para um lado, ou muito para o outro, nunca perto da terra, da realidade, em uma posição de equilíbrio.

A parte da formulação do ISEB que caiu por terra com estas eleições foi aquela em que o nacionalismo era identificado com a burguesia industrial, e esta era situada em posição política de conflito com a velha aristocracia agrária e do comércio exterior. Em carta que escrevi para o Sílvio Luiz, e que gostaria muito que você lesse, procurei fazer uma análise da eleição do Jânio, e especialmente da forma que ela se verificou. Disse então que a eleição do Jânio marcava o fim da revolução industrial brasileira, do período propriamente transitório entre uma economia agrária e semi-feudal para uma economia industrial capitalista, e provavelmente dava início ao processo de consolidação dessa revolução. Depois de 30 anos de lutas internas nem sempre violentas mas sem dúvida inegáveis, os três setores básicos da classe dominante – indústria, comércio e agricultura (vide CONCLAP) – se uniam novamente, para se constituir em uma força conservadora (embora desenvolvimentista, pelo menos no que diz respeito à indústria) destinada a fazer frente única contra movimentos esquerdistas, sindicalistas, e inclusive os nacionalistas na medida em que estes forem marcadamente esquerdistas.

Restaria saber porque teria se verificado essa reunificação da classe dominante. A uma delas já me referi acima: a necessidade de fazer frente aos movimentos de esquerda. Mas existem outras causas. Em primeiro lugar, a maior causa de conflito entre indústria de um lado e agricultura e comércio do outro, o confisco cambial, perdeu toda a sua força em vista da superprodução de café; em segundo lugar, a velha aristocracia chegou finalmente à conclusão de que a industrialização brasileira é fato consumado, e que o melhor agora é entrar em acordo, ao invés de combater o processo de industrialização frontalmente, como antes vinha sendo feito; em terceiro lugar, a entrada maciça de capitais estrangeiros, através da Instrução 113, em associação com o capital nacional, fez com que o nacionalismo da burguesia industrial se limitasse praticamente às medidas de proteção tarifária e cambial. Estes e outros fatores modificaram o panorama brasileiro nos últimos cinco anos especialmente, de forma que o esquema a que estávamos acostumados a recorrer para interpretar a realidade brasileira deixou de funcionar.

Toda essa interpretação talvez seja apressada. Mesmo que seja basicamente verdadeira, o caráter imprezível de Jânio poderá levá-lo a trair essa esquema, a iludir

pelo menos parcialmente as expectativas da classe dominante que o apoiou. Entretanto, desde que seu governo siga uma linha relativamente conservadora e relativamente desenvolvimentista – como parece que é de se esperar (concorda?) – cumpre saber qual possa ser o papel da esquerda. Desde que Jânio seja bem sucedido, e consiga promover eficientemente o desenvolvimento econômico brasileiro, vejo pouca ou nenhuma chance para a esquerda. Ela poderá tomar um caráter de vigilância em relação a certos interesses fundamentais do país, poderá constituir-se em uma força respeitável politicamente mas dificilmente alcançará o poder. Uma das únicas coisas que poderá modificar esse quadro será o crescimento da União Soviética no âmbito internacional. Outra será a pressão da miséria, especialmente no Nordeste, já que mesmo com uma boa taxa de desenvolvimento econômico não será fácil resolver tal problema.

Em relação à nossa ação pessoal, creio que uma atitude realista da nossa parte é essencial. Criticamos o idealismo desbragado dos nossos tempos de JUC mas somos inclinados a incorrer no mesmo erro. Tanto você como eu preferiríamos uma sociedade socialista não-comunista a uma sociedade capitalista. O problema que se coloca diante do Brasil, porém, não é capitalismo ou socialismo, mas desenvolvimento ou subdesenvolvimento. Dessa forma, se a burguesia nacional está conseguindo promover com razoável rapidez o desenvolvimento econômico nacional dentro dos quadros de um capitalismo socializado, marcado por grande influência do Estado na economia, creio que devemos apoiar esse processo; apoiar criticamente, inteligentemente, não de forma cega; apoiar oferecendo a nossa contribuição, não passivamente, dizendo amém a tudo o que se faz. Poder-se-ia argumentar que um governo socialista poderia promover mais rapidamente o desenvolvimento econômico e a justiça social. É bem possível, mas não necessariamente certo (nada é necessariamente certo neste setor). E mesmo que isto seja certo, o preço que teríamos que pagar pela transição seria muito grande. Portanto, ao tomarmos qualquer decisão é melhor lembrarmos do velho provérbio: mais vale um pássaro na mão ... O pássaro é o desenvolvimento capitalista. E se essa argumentação não for suficiente, será o caso de lembrar novamente que não só teoricamente o atual dilema brasileiro não é o de socialismo versus capitalismo. Em termos práticos, pelo menos no momento, este não é o problema.

Em face disso, e julgando com as poucas informações de que disponho aqui, acho que não se justifica a hesitação em se apoiar o Plínio Arruda Sampaio. Não creio que seja razoável pensar-se a longo prazo, em termos da possível eleição de Carvalho Pinto, ou do possível fortalecimento do movimento reacionário, para negar-lhe apoio. Objetivamente, a curto prazo, São Paulo está necessitando um bom administrador com urgência. Plínio poderá sem dúvida ser um bom prefeito, além de ser pessoalmente aberto quanto a suas idéias. A eleição de Cantídio ou de Emilio Carlos será uma tragédia para São Paulo. A eleição de Plínio não só não será uma tragédia, mas será muito benéfica, na medida que espero dele uma boa administração. E se isso não

bastasse, é bom lembrar que ele é nosso amigo. Esse tipo de consideração, naturalmente, é o primeiro que nos vem a mente, mas somos inclinados a afastá-la para não a acharmos defensável. Outra vez isto representa incorrer em idealismo.

Aqui nos Estados Unidos, depois das eleições, pouco há a dizer. Dentro do partido democrata, Kennedy é considerado ligeiramente inclinado para a ala liberal. Por outro lado, a formação de seu gabinete não indica nenhuma tendência radical. Dessa forma não é de se esperar nenhuma mudança realmente significativa na política interna e externa americana. Os dois grandes problemas que hoje os EUA enfrentam – internamente, baixo crescimento econômico (estão novamente em recessão); externamente, incapacidade de competir com a Rússia pela manutenção dos países asiáticos e africanos (e agora latino-americanos) – não parece que encontrarão solução. Depois de cometerem erro em cima de erro em relação a Cuba, estão fazendo o mesmo com o Laos. Ao invés de apoiar o governo neutralista que lá se estabeleceu, preferiram interferir auxiliando um general pró-Occidente. O resultado é que o governo neutralista foi substituído por um governo praticamente comunista. Se este conseguir manter-se no poder, os americanos terão perdido outro país exclusivamente por sua incapacidade de mantê-lo em sua órbita. Enfim, a situação não é boa para os Estados Unidos sob aspecto nenhum, e se não fossem a “bendita” bomba atômica e os “benditos” foguetes, já estaríamos há muito em uma guerra.

Um grande abraço para a Marilena, o Fernando e você, Eça. Lembranças e um feliz natal para os pais de ambos do

Luiz Carlos